



CATANDUVA-SP

PREFEITURA MUNICIPAL DE CATANDUVA – SÃO PAULO

PROFESSOR II – LÍNGUA PORTUGUESA

- ▶ Língua Portuguesa
- ▶ Matemática
- ▶ Informática
- ▶ Conhecimentos Específicos

INCLUI QUESTÕES GABARITADAS

**EDITAL DE ABERTURA
CONCURSO PÚBLICO Nº 01/2026**



BÔNUS

ÁREA DO
CONCURSEIRO

- **Português:** Ortografia, Fonologia, Acentuação Gráfica, Concordância, Regência, Crase e Pontuação.
- **Informática:** Computação na Nuvem, Armazenamento em Nuvem, Intranet, Internet, Conceitos, Protocolos e Segurança da informação.

41
ANOS
A SOLUÇÃO PARA O SEU CONCURSO



AVISO IMPORTANTE:

Este é um Material de Demonstração

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da Apostila.

Aqui você encontrará algumas páginas selecionadas para que possa conhecer a qualidade, estrutura e metodologia do nosso material. No entanto, **esta não é a apostila completa.**

POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?

- ✕ Conteúdo totalmente alinhado ao edital
- ✕ Teoria clara, objetiva e sempre atualizada
- ✕ Questões gabaritadas
- ✕ Diferentes práticas que otimizam seus estudos

Ter o material certo em mãos transforma sua preparação e aproxima você da **APROVAÇÃO.**

Garanta agora o acesso completo e aumente suas chances de aprovação:
<https://www.editorasolucao.com.br/>



CATANDUVA-SP

PREFEITURA MUNICIPAL DE CATANDUVA –
SÃO PAULO

Professor II – Língua
Portuguesa

**EDITAL DE ABERTURA – CONCURSO PÚBLICO Nº
01/2026**

CÓD: SL-069JN-26
7908433289814

Língua Portuguesa

1. Leitura e interpretação de textos de diferentes gêneros e esferas discursivas, com compreensão global, identificação de ideias principais e secundárias, inferência de informações implícitas e relações intertextuais.....	7
2. Tipologia e gêneros textuais, com destaque para textos narrativos, descritivos, dissertativos, argumentativos, injuntivos, jornalísticos, acadêmicos e técnico-científicos	10
3. Ortografia.....	16
4. Acentuação gráfica conforme o Acordo Ortográfico vigente, incluindo uso do hífen	17
5. Homônimos e parônimos; denotação e conotação	18
6. Pontuação e seus efeitos de sentido.....	22
7. Classes gramaticais e seu funcionamento no texto; flexão e emprego de substantivos, adjetivos, pronomes e verbos	24
8. Tempos, modos e vozes verbais.....	33
9. Concordância verbal e nominal	36
10. Regência verbal e nominal.....	37
11. Uso da crase.....	40
12. Organização do período simples e composto	41
13. Coesão e coerência textual, operadores argumentativos, clareza, concisão e organização lógica do discurso; aspectos semânticos e estilísticos da linguagem	46
14. Variação linguística	47

Matemática

1. Conjuntos numéricos e operações fundamentais.....	59
2. Razão, proporção	71
3. Regra de três simples e composta	73
4. Porcentagem e matemática financeira básica, incluindo juros simples.....	74
5. Estatística básica: leitura e interpretação de tabelas e gráficos, média, moda e mediana	76
6. Noções de probabilidade	82
7. Resolução de problemas	83
8. Noções de raciocínio lógico	86

Informática

1. Conceitos básicos de informática, hardware e software; componentes de computadores e periféricos de entrada, saída e armazenamento	95
2. Sistema operacional Windows, gerenciamento de arquivos e pastas	99
3. Editor de textos, planilhas eletrônicas e apresentações (pacote Microsoft Office ou equivalente), com edição, formatação, uso de tabelas, gráficos e fórmulas básicas	115
4. Internet e correio eletrônico, navegação segura, pesquisa de informações, envio e recebimento de mensagens e anexos.....	152
5. Noções de segurança da informação, cuidados com senhas, vírus, malware, phishing e boas práticas de uso.....	161

Conhecimentos Específicos

Professor II – Língua Portuguesa

1. Fundamentos teórico-metodológicos do ensino de Língua Portuguesa.....	171
2. Práticas de linguagem: leitura, escrita, oralidade e análise linguística	174
3. Alfabetização e letramento.....	177
4. Multiletramentos e práticas sociais de linguagem.....	178
5. Ensino e aprendizagem dos gêneros textuais.....	179
6. Didática da leitura, da escrita e da oralidade.....	180
7. Ensino de gramática em uso e reflexão linguística.....	182
8. Uso de tecnologias digitais no ensino da linguagem	185
9. Diversidade linguística e variação da língua portuguesa	188
10. Práticas pedagógicas inclusivas no ensino de Língua Portuguesa; Avaliação da aprendizagem em Língua Portuguesa	188
11. Diretrizes curriculares vigentes para o ensino da Língua Portuguesa.....	191

LÍNGUA PORTUGUESA

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS DE DIFERENTES GÊNEROS E ESFERAS DISCURSIVAS, COM COMPREENSÃO GLOBAL, IDENTIFICAÇÃO DE IDEIAS PRINCIPAIS E SECUNDÁRIAS, INFERÊNCIA DE INFORMAÇÕES IMPLÍCITAS E RELAÇÕES INTERTEXTUAIS

DIFERENÇA ENTRE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

A compreensão e a interpretação de textos são habilidades interligadas, mas que apresentam diferenças claras e que devem ser reconhecidas para uma leitura eficaz, principalmente em contextos de provas e concursos públicos.

Compreensão refere-se à habilidade de entender o que o texto comunica de forma explícita. É a identificação do conteúdo que o autor apresenta de maneira direta, sem exigir do leitor um esforço de interpretação mais aprofundado. Ao compreender um texto, o leitor se concentra no significado das palavras, frases e parágrafos, buscando captar o sentido literal e objetivo daquilo que está sendo dito. Ou seja, a compreensão é o processo de absorver as informações que estão na superfície do texto, sem precisar buscar significados ocultos ou inferências.

Exemplo de compreensão:

Se o texto afirma: “Jorge era infeliz quando fumava”, a compreensão dessa frase nos leva a concluir apenas o que está claramente dito: Jorge, em determinado período de sua vida em que fumava, era uma pessoa infeliz.

Por outro lado, a **interpretação** envolve a leitura das entrelinhas, a busca por sentidos implícitos e o esforço para compreender o que não está diretamente expresso no texto. Essa habilidade requer do leitor uma análise mais profunda, considerando fatores como contexto, intenções do autor, experiências pessoais e conhecimentos prévios. A interpretação é a construção de significados que vão além das palavras literais, e isso pode envolver deduzir informações não explícitas, perceber ironias, analogias ou entender o subtexto de uma mensagem.

Exemplo de interpretação:

Voltando à frase “Jorge era infeliz quando fumava”, a interpretação permite deduzir que Jorge provavelmente parou de fumar e, com isso, encontrou a felicidade. Essa conclusão não está diretamente expressa, mas é sugerida pelo contexto e pelas implicações da frase.

Em resumo, a compreensão é o entendimento do que está no texto, enquanto a interpretação é a habilidade de extrair do texto o que ele não diz diretamente, mas sugere. Enquanto a compreensão requer uma leitura atenta e literal, a interpretação exige uma leitura crítica e analítica, na qual o leitor deve conectar ideias, fazer inferências e até questionar as intenções do autor.

Ter consciência dessas diferenças é fundamental para o sucesso em provas que avaliam a capacidade de lidar com textos, pois, muitas vezes, as questões irão exigir que o candidato saiba identificar informações explícitas e, em outras ocasiões, que ele demonstre a capacidade de interpretar significados mais profundos e complexos.

TIPOS DE LINGUAGEM

Para uma interpretação de textos eficaz, é fundamental entender os diferentes tipos de linguagem que podem ser empregados em um texto. Conhecer essas formas de expressão ajuda a identificar nuances e significados, o que torna a leitura e a interpretação mais precisas. Há três principais tipos de linguagem que costumam ser abordados nos estudos de Língua Portuguesa: a linguagem verbal, a linguagem não-verbal e a linguagem mista (ou híbrida).

► Linguagem Verbal

A linguagem verbal é aquela que utiliza as palavras como principal meio de comunicação. Pode ser apresentada de forma escrita ou oral, e é a mais comum nas interações humanas. É por meio da linguagem verbal que expressamos ideias, emoções, pensamentos e informações.

Exemplos:

- Um texto de livro, um artigo de jornal ou uma conversa entre duas pessoas são exemplos de linguagem verbal.
- Quando um autor escreve um poema, um romance ou uma carta, ele está utilizando a linguagem verbal para transmitir sua mensagem.

Na interpretação de textos, a linguagem verbal é a que oferece o conteúdo explícito para compreensão e análise. Portanto, ao se deparar com um texto em uma prova, é a partir da linguagem verbal que se começa o processo de interpretação, analisando as palavras, as estruturas frasais e a coesão do discurso.

► Linguagem Não-Verbal

A linguagem não-verbal é aquela que se comunica sem o uso de palavras. Ela faz uso de elementos visuais, como imagens, cores, símbolos, gestos, expressões faciais e sinais, para transmitir mensagens e informações. Esse tipo de linguagem é extremamente importante em nosso cotidiano, já que muitas vezes as imagens ou os gestos conseguem expressar significados que palavras não conseguem capturar com a mesma eficiência.

Exemplos:

- Uma placa de trânsito que indica “pare” por meio de uma cor vermelha e um formato específico.

- As expressões faciais e gestos durante uma conversa ou em um filme.
- Uma pintura, um logotipo ou uma fotografia que transmitem sentimentos, ideias ou informações sem o uso de palavras.

No contexto de interpretação, a linguagem não-verbal exige do leitor uma capacidade de decodificar mensagens que não estão escritas. Por exemplo, em uma prova que apresenta uma charge ou uma propaganda, será necessário interpretar os elementos visuais para compreender a mensagem que o autor deseja transmitir.

► Linguagem Mista (ou Híbrida)

A linguagem mista é a combinação da linguagem verbal e da linguagem não-verbal, ou seja, utiliza tanto palavras quanto imagens para se comunicar. Esse tipo de linguagem é amplamente utilizado em nosso dia a dia, pois permite a transmissão de mensagens de forma mais completa, já que se vale das características de ambas as linguagens.

Exemplos:

- Histórias em quadrinhos, que utilizam desenhos (linguagem não-verbal) e balões de fala (linguagem verbal) para narrar a história.
- Cartazes publicitários que unem imagens e slogans para atrair a atenção e transmitir uma mensagem ao público.
- As apresentações de slides que combinam texto e imagens para tornar a explicação mais clara e interessante.

A linguagem mista exige do leitor uma capacidade de integrar informações provenientes de diferentes fontes para construir o sentido global da mensagem. Em uma prova, por exemplo, é comum encontrar questões que apresentam textos e imagens juntos, exigindo que o candidato compreenda a interação entre a linguagem verbal e não-verbal para interpretar corretamente o conteúdo.

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade é um conceito fundamental para quem deseja compreender e interpretar textos de maneira aprofundada. Trata-se do diálogo que um texto estabelece com outros textos, ou seja, a intertextualidade ocorre quando um texto faz referência, de maneira explícita ou implícita, a outro texto já existente. Esse fenômeno é comum na literatura, na publicidade, no jornalismo e em diversos outros tipos de comunicação.

► Definição de Intertextualidade

Intertextualidade é o processo pelo qual um texto se relaciona com outro, estabelecendo uma rede de significados que enriquece a interpretação. Ao fazer referência a outro texto, o autor cria um elo que pode servir para reforçar ideias, criticar, ironizar ou até prestar uma homenagem. Essa relação entre textos pode ocorrer de várias formas e em diferentes graus de intensidade, dependendo de como o autor escolhe incorporar ou dialogar com o texto de origem.

O conceito de intertextualidade sugere que nenhum texto é completamente original, pois todos se alimentam de outros textos e discursos que já existem, criando um jogo de influências, inspirações e referências. Portanto, a compreensão de um texto muitas vezes se amplia quando reconhecemos as conexões intertextuais que ele estabelece.

► Tipos de Intertextualidade

A intertextualidade pode ocorrer de diferentes formas. Aqui estão os principais tipos que você deve conhecer:

▪ **Citação:** É a forma mais explícita de intertextualidade. Ocorre quando um autor incorpora, de forma literal, uma passagem de outro texto em sua obra, geralmente colocando a citação entre aspas ou destacando-a de alguma maneira.

▪ **Exemplo:** Em um artigo científico, ao citar um trecho de uma obra de um pesquisador renomado, o autor está utilizando a intertextualidade por meio da citação.

▪ **Paráfrase:** Trata-se da reescritura de um texto ou trecho de forma diferente, utilizando outras palavras, mas mantendo o mesmo conteúdo ou ideia central do original. A paráfrase respeita o sentido do texto base, mas o reinterpreta de forma nova.

▪ **Exemplo:** Um estudante que lê um poema de Carlos Drummond de Andrade e reescreve os versos com suas próprias palavras está fazendo uma paráfrase do texto original.

▪ **Paródia:** Nesse tipo de intertextualidade, o autor faz uso de um texto conhecido para criar um novo texto, mas com o objetivo de provocar humor, crítica ou ironia. A paródia modifica o texto original, subvertendo seu sentido ou adaptando-o a uma nova realidade.

▪ **Exemplo:** Uma música popular que é reescrita com uma nova letra para criticar um evento político recente é um caso de paródia.

▪ **Alusão:** A alusão é uma referência indireta a outro texto ou obra. Não é citada diretamente, mas há indícios claros que levam o leitor a perceber a relação com o texto original.

▪ **Exemplo:** Ao dizer que “este é o doce momento da maçã”, um texto faz alusão à narrativa bíblica de Adão e Eva, sem mencionar explicitamente a história.

▪ **Pastiche:** É um tipo de intertextualidade que imita o estilo ou a forma de outro autor ou obra, mas sem a intenção crítica ou irônica que caracteriza a paródia. Pode ser uma homenagem ou uma maneira de incorporar elementos de uma obra anterior em um novo contexto.

▪ **Exemplo:** Um romance que adota o estilo narrativo de um clássico literário como “Dom Quixote” ou “A Divina Comédia” para contar uma história contemporânea.

► A Função da Intertextualidade

A intertextualidade enriquece a leitura, pois permite que o leitor estabeleça conexões e compreenda melhor as intenções do autor. Ao perceber a referência a outro texto, o leitor amplia seu entendimento e aprecia o novo sentido que surge dessa

MATEMÁTICA

CONJUNTOS NUMÉRICOS E OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS

O agrupamento de termos ou elementos que associam características semelhantes é denominado conjunto. Quando aplicamos essa ideia à matemática, se os elementos com características semelhantes são números, referimo-nos a esses agrupamentos como conjuntos numéricos.

Em geral, os conjuntos numéricos podem ser representados graficamente ou de maneira extensiva, sendo esta última a forma mais comum ao lidar com operações matemáticas. Na representação extensiva, os números são listados entre chaves $\{\}$. Caso o conjunto seja infinito, ou seja, contenha uma quantidade incontável de números, utilizamos reticências após listar alguns exemplos.

Exemplo: $\mathbb{N} = \{0, 1, 2, 3, 4, \dots\}$.

Existem cinco conjuntos considerados essenciais, pois são os mais utilizados em problemas e questões durante o estudo da Matemática. Esses conjuntos são os Naturais, Inteiros, Racionais, Irracionais e Reais.

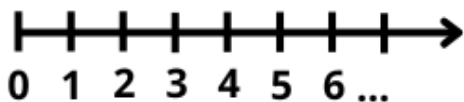
CONJUNTO DOS NÚMEROS NATURAIS (N)

O conjunto dos números naturais é simbolizado pela letra N e compreende os números utilizados para contar e ordenar. Esse conjunto inclui o zero e todos os números positivos, formando uma sequência infinita.

Em termos matemáticos, os números naturais podem ser definidos como $\mathbb{N} = \{0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, \dots\}$

O conjunto dos números naturais pode ser dividido em subconjuntos:

- $\mathbb{N}^* = \{1, 2, 3, 4, \dots\}$ ou $\mathbb{N}^* = \mathbb{N} - \{0\}$: conjunto dos números naturais não nulos, ou sem o zero.
- $\mathbb{N}_p = \{0, 2, 4, 6, \dots\}$, em que $n \in \mathbb{N}$: conjunto dos números naturais pares.
- $\mathbb{N}_i = \{1, 3, 5, 7, \dots\}$, em que $n \in \mathbb{N}$: conjunto dos números naturais ímpares.
- $\mathbb{P} = \{2, 3, 5, 7, \dots\}$: conjunto dos números naturais primos.



Operações com Números Naturais

Praticamente, toda a Matemática é edificada sobre essas duas operações fundamentais: adição e multiplicação.

Adição

A primeira operação essencial da Aritmética tem como objetivo reunir em um único número todas as unidades de dois ou mais números.

Exemplo: $6 + 4 = 10$, onde 6 e 4 são as parcelas e 10 é a soma ou o total.

Subtração

É utilizada quando precisamos retirar uma quantidade de outra; é a operação inversa da adição. A subtração é válida apenas nos números naturais quando subtraímos o maior número do menor, ou seja, quando $a - b$ tal que $a \geq b$.

Exemplo: $200 - 193 = 7$, onde 200 é o Minuendo, o 193 Subtraendo e 7 a diferença.

Obs.: o minuendo também é conhecido como aditivo e o subtraendo como subtrativo.

Multiplicação

É a operação que visa adicionar o primeiro número, denominado multiplicando ou parcela, tantas vezes quantas são as unidades do segundo número, chamado multiplicador.

Exemplo: $3 \times 5 = 15$, onde 3 e 5 são os fatores e o 15 produto.

3 vezes 5 é somar o número 3 cinco vezes:

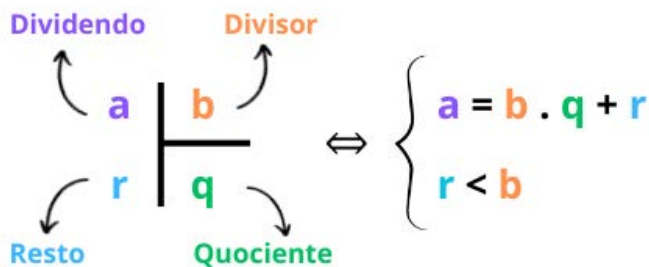
$$3 \times 5 = 3 + 3 + 3 + 3 + 3 = 15.$$

Podemos no lugar do "x" (vezes) utilizar o ponto "." para indicar a multiplicação.

Divisão

Dados dois números naturais, às vezes precisamos saber quantas vezes o segundo está contido no primeiro. O primeiro número, que é o maior, é chamado de dividendo, e o outro número, que é menor, é o divisor. O resultado da divisão é chamado de quociente. Se multiplicarmos o divisor pelo quociente e somarmos o resto, obtemos o dividendo.

No conjunto dos números naturais, a divisão não é fechada, pois nem sempre é possível dividir um número natural por outro número natural de forma exata. Quando a divisão não é exata, temos um resto diferente de zero.



Princípios fundamentais da divisão de números naturais:

- Em uma divisão exata de números naturais, o divisor deve ser menor do que o dividendo. Exemplo: $45 : 9 = 5$
- Em uma divisão exata de números naturais, o dividendo é o produto do divisor pelo quociente. Exemplo: $45 = 5 \times 9$
- A divisão de um número natural n por zero não é possível, pois, se admitíssemos que o quociente fosse q , então poderíamos escrever: $n \div 0 = q$ e isto significaria que: $n = 0 \times q = 0$ o que não é correto! Assim, a divisão de n por 0 não tem sentido ou ainda é dita impossível.

Propriedades da Adição e da Multiplicação de Naturais

Para todo a, b e c em \mathbb{N}

- **Associativa da adição:** $(a + b) + c = a + (b + c)$
- **Comutativa da adição:** $a + b = b + a$
- **Elemento neutro da adição:** $a + 0 = a$
- **Associativa da multiplicação:** $(a \cdot b) \cdot c = a \cdot (b \cdot c)$
- **Comutativa da multiplicação:** $a \cdot b = b \cdot a$
- **Elemento neutro da multiplicação:** $a \cdot 1 = a$
- **Distributiva da multiplicação relativamente à adição:** $a \cdot (b + c) = ab + ac$
- **Distributiva da multiplicação relativamente à subtração:** $a \cdot (b - c) = ab - ac$
- **Fechamento:** tanto a adição como a multiplicação de um número natural por outro número natural, continua como resultado um número natural.

Exemplo 1: Em uma gráfica, a máquina utilizada para imprimir certo tipo de calendário está com defeito, e, após imprimir 5 calendários perfeitos (P), o próximo sai com defeito (D), conforme mostra o esquema. Considerando que, ao se imprimir um lote com 5 000 calendários, os cinco primeiros saíram perfeitos e o sexto saiu com defeito e que essa mesma sequência se manteve durante toda a impressão do lote, é correto dizer que o número de calendários perfeitos desse lote foi

- (A) 3 642.
- (B) 3 828.
- (C) 4 093.
- (D) 4 167.
- (E) 4 256.

Resolução:

Vamos dividir 5000 pela sequência repetida (6):

$$5000 / 6 = 833 + \text{resto } 2.$$

Isto significa que saíram 833. 5 = 4165 calendários perfeitos, mais 2 calendários perfeitos que restaram na conta de divisão.

Assim, são 4167 calendários perfeitos.

Resposta: D.

Exemplo 2: João e Maria disputaram a prefeitura de uma determinada cidade que possui apenas duas zonas eleitorais. Ao final da sua apuração o Tribunal Regional Eleitoral divulgou a seguinte tabela com os resultados da eleição. A quantidade de eleitores desta cidade é:

	1ª Zona Eleitoral	2ª Zona Eleitoral
João	1750	2245
Maria	850	2320
Nulos	150	217
Branços	18	25
Abstenções	183	175

- (A) 3995
- (B) 7165
- (C) 7532
- (D) 7575
- (E) 7933

Resolução:

Vamos somar a 1ª Zona: $1750 + 850 + 150 + 18 + 183 = 2951$

2ª Zona: $2245 + 2320 + 217 + 25 + 175 = 4982$

Somando os dois: $2951 + 4982 = 7933$

Resposta: E.

Exemplo 3: Uma escola organizou um concurso de redação com a participação de 450 alunos. Cada aluno que participou recebeu um lápis e uma caneta. Sabendo que cada caixa de lápis contém 30 unidades e cada caixa de canetas contém 25 unidades, quantas caixas de lápis e de canetas foram necessárias para atender todos os alunos?

- (A) 15 caixas de lápis e 18 caixas de canetas.
- (B) 16 caixas de lápis e 18 caixas de canetas.
- (C) 15 caixas de lápis e 19 caixas de canetas.
- (D) 16 caixas de lápis e 19 caixas de canetas.
- (E) 17 caixas de lápis e 19 caixas de canetas.

Resolução:

Número de lápis: 450. Dividindo pelo número de lápis por caixa: $450 \div 30 = 15$

Número de canetas: 450. Dividindo pelo número de canetas por caixa: $450 \div 25 = 18$.

Resposta: A.

Exemplo 4. Em uma sala de aula com 32 alunos, todos participaram de uma brincadeira em que formaram grupos de 6 pessoas. No final, sobrou uma quantidade de alunos que não conseguiram formar um grupo completo. Quantos alunos ficaram sem grupo completo?

INFORMÁTICA

CONCEITOS BÁSICOS DE INFORMÁTICA, HARDWARE E SOFTWARE; COMPONENTES DE COMPUTADORES E PERIFÉRICOS DE ENTRADA, SAÍDA E ARMAZENAMENTO

Hardware

O hardware são as partes físicas de um computador. Isso inclui a Unidade Central de Processamento (CPU), unidades de armazenamento, placas mãe, placas de vídeo, memória, etc.. Outras partes extras chamados componentes ou dispositivos periféricos incluem o mouse, impressoras, modems, scanners, câmeras, etc.

Para que todos esses componentes sejam usados apropriadamente dentro de um computador, é necessário que a funcionalidade de cada um dos componentes seja traduzida para algo prático. Surge então a função do sistema operacional, que faz o intermédio desses componentes até sua função final, como, por exemplo, processar os cálculos na CPU que resultam em uma imagem no monitor, processar os sons de um arquivo MP3 e mandar para a placa de som do seu computador, etc. Dentro do sistema operacional você ainda terá os programas, que dão funcionalidades diferentes ao computador.

Gabinete

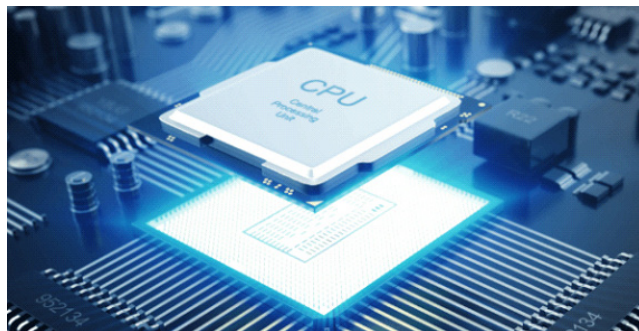
Também conhecido como torre ou caixa, é a estrutura que abriga os componentes principais de um computador, como a placa-mãe, processador, memória RAM, e outros dispositivos internos. Serve para proteger e organizar esses componentes, além de facilitar a ventilação.



Gabinete

Processador ou CPU (Unidade de Processamento Central)

É o cérebro de um computador. É a base sobre a qual é construída a estrutura de um computador. Uma CPU funciona, basicamente, como uma calculadora. Os programas enviam cálculos para o CPU, que tem um sistema próprio de “fila” para fazer os cálculos mais importantes primeiro, e separar também os cálculos entre os núcleos de um computador. O resultado desses cálculos é traduzido em uma ação concreta, como por exemplo, aplicar uma edição em uma imagem, escrever um texto e as letras aparecerem no monitor do PC, etc. A velocidade de um processador está relacionada à velocidade com que a CPU é capaz de fazer os cálculos.



CPU

Cooler

Quando cada parte de um computador realiza uma tarefa, elas usam eletricidade. Essa eletricidade usada tem como uma consequência a geração de calor, que deve ser dissipado para que o computador continue funcionando sem problemas e sem engasgos no desempenho. Os coolers e ventoinhas são responsáveis por promover uma circulação de ar dentro da case do CPU. Essa circulação de ar provoca uma troca de temperatura entre o processador e o ar que ali está passando. Essa troca de temperatura provoca o resfriamento dos componentes do computador, mantendo seu funcionamento intacto e prolongando a vida útil das peças.



Cooler

Placa-mãe

Se o CPU é o cérebro de um computador, a placa-mãe é o esqueleto. A placa mãe é responsável por organizar a distribuição dos cálculos para o CPU, conectando todos os outros componentes externos e internos ao processador. Ela também é responsável por enviar os resultados dos cálculos para seus devidos destinos. Uma placa mãe pode ser on-board, ou seja, com componentes como placas de som e placas de vídeo fazendo parte da própria placa mãe, ou off-board, com todos os componentes sendo conectados a ela.



Placa-mãe

Fonte

A fonte de alimentação é o componente que fornece energia elétrica para o computador. Ela converte a corrente alternada (AC) da tomada em corrente contínua (DC) que pode ser usada pelos componentes internos do computador.



Fonte

Placas de vídeo

São dispositivos responsáveis por renderizar as imagens para serem exibidas no monitor. Elas processam dados gráficos e os convertem em sinais visuais, sendo essenciais para jogos, edição de vídeo e outras aplicações gráficas intensivas.



Placa de vídeo

Memória RAM

Random Access Memory ou Memória de Acesso Randômico é uma memória volátil e rápida que armazena temporariamente os dados dos programas que estão em execução no computador. Ela perde o conteúdo quando o computador é desligado.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DO ENSINO DE LÍNGUA: LINGUAGEM, SUJEITO E SOCIEDADE

A base teórica do ensino de Língua Portuguesa envolve uma compreensão ampliada da linguagem, não como um código fechado e autônomo, mas como prática social constitutiva do sujeito e mediadora das relações sociais. A partir dessa concepção, o ensino da língua deixa de ser apenas um exercício de transmissão de regras gramaticais para se tornar uma atividade voltada à formação de sujeitos capazes de agir linguisticamente em diferentes contextos e esferas da vida social.

A noção de linguagem como prática social foi decisivamente influenciada pelos estudos do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, que entende a linguagem como um fenômeno dialógico, atravessado por relações de poder, valores ideológicos e condições de produção. Segundo essa perspectiva, toda produção de sentido está situada historicamente e é marcada pelas condições concretas de interlocução entre os sujeitos. Isso significa que ensinar língua é ensinar a participar de práticas discursivas reais, levando em conta os gêneros do discurso, os contextos de enunciação e os objetivos comunicativos.

Outra vertente importante nos fundamentos teóricos do ensino da língua é a sociolinguística, que contribui para a compreensão da variação linguística como um fenômeno natural das línguas. A escola, nesse sentido, tem o desafio de acolher a diversidade linguística dos alunos sem deixar de ensinar a variedade de prestígio, isto é, a norma culta, exigida em situações formais de comunicação. Conforme aponta Marcos Bagno, é preciso superar o preconceito linguístico e adotar uma pedagogia da variação, que respeite as variedades populares ao mesmo tempo em que ensina os usos socialmente valorizados da língua.

A linguística textual também fornece importantes subsídios teóricos ao ensino, ao colocar o texto como unidade central de análise e produção. Ao invés de focar apenas em frases isoladas, a proposta textual valoriza a construção de sentido em textos completos, considerando os mecanismos de coesão, coerência, progressão temática, entre outros elementos que tornam a comunicação eficaz. Ensinar a ler e escrever, portanto, exige desenvolver nos alunos competências para compreender e produzir textos adequados às diferentes situações comunicativas.

No campo da didática, os estudos do interacionismo socio-discursivo, de autores como Bronckart e Schneuwly, reforçam a ideia de que as práticas de linguagem devem estar atreladas

às atividades sociais nas quais os gêneros do discurso circulam. Essa perspectiva considera o ensino da língua como uma forma de agir sobre o mundo, e não apenas sobre o sistema linguístico. A aprendizagem se dá, então, por meio da participação em situações comunicativas concretas e pelo desenvolvimento de capacidades de linguagem relacionadas a diferentes esferas da atividade humana.

O sujeito da aprendizagem, por sua vez, é visto como ativo, histórico e socialmente situado. Essa visão rompe com abordagens tradicionais que viam o aluno como um receptor passivo de conteúdos. O ensino passa a considerar as experiências, os saberes prévios e os modos de inserção sociocultural dos estudantes como elementos fundamentais no processo de construção do conhecimento linguístico. A linguagem, nesse sentido, não é apenas um objeto de estudo, mas um meio de formação humana e cidadã.

Do ponto de vista curricular, as diretrizes educacionais brasileiras reforçam essa concepção de linguagem e de sujeito. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, define a área de Linguagens a partir do conceito de práticas de linguagem e enfatiza a formação de sujeitos críticos e autônomos. A proposta é que os alunos desenvolvam competências para se expressar, argumentar, interpretar e produzir sentidos em múltiplos contextos e mídias.

Portanto, os pressupostos teóricos do ensino de Língua Portuguesa apontam para uma prática pedagógica que reconhece a linguagem como instrumento de ação e transformação social, que respeita a diversidade dos sujeitos e que valoriza a construção de sentidos em situações reais de uso da língua. Esse ensino exige do professor uma postura reflexiva e mediadora, capaz de articular teoria e prática, conhecimento linguístico e experiência social, norma culta e variação, leitura crítica e autoria.

ABORDAGENS METODOLÓGICAS: ESTRUTURALISMO, GRAMÁTICA NORMATIVA, COMUNICATIVA E SOCIOINTERACIONISTA

As abordagens metodológicas no ensino de Língua Portuguesa refletem concepções distintas de linguagem, sujeito e aprendizagem. Cada uma delas está historicamente situada e possui implicações diretas nas escolhas didáticas feitas em sala de aula. Neste panorama, destacam-se quatro grandes vertentes que marcaram (e ainda marcam) o ensino da língua: a abordagem estruturalista, a gramática normativa, a abordagem comunicativa e a perspectiva sociointeracionista.

► **A abordagem estruturalista**

Baseada nos princípios do estruturalismo linguístico, especialmente no pensamento de Ferdinand de Saussure, essa abordagem concebe a língua como um sistema fechado e autônomo, composto por unidades que se combinam segundo regras internas. No ensino, isso se traduziu na ênfase à estrutura frasal, à análise morfo sintática e ao ensino descontextualizado de regras gramaticais.

Durante boa parte do século XX, essa abordagem predominou nas escolas brasileiras, com foco na memorização de definições e classificações de palavras. Os exercícios típicos envolviam identificação de sujeitos, objetos, adjuntos, tempos verbais, entre outros, sem necessariamente estabelecer relações com situações reais de uso da linguagem. Embora tenha contribuído para a sistematização do ensino, mostrou-se limitada por tratar a língua como um objeto abstrato, desvinculado de seu funcionamento social.

► **A gramática normativa como método de ensino**

Apesar de não ser uma teoria linguística propriamente dita, a gramática normativa influenciou fortemente o ensino tradicional de língua portuguesa. Seu objetivo central é prescrever o uso considerado correto da língua, com base na norma culta, especialmente a escrita formal.

No contexto escolar, a gramática normativa foi (e ainda é) utilizada como instrumento de correção e avaliação do uso linguístico dos alunos, com foco em evitar “erros” e garantir a obediência às regras formais. Essa prática, muitas vezes, ignora a diversidade linguística dos falantes e reforça uma visão prescritiva e excludente da língua, desconsiderando a função comunicativa da linguagem e suas variações contextuais.

Embora o domínio da norma padrão seja necessário, sobretudo em situações formais de comunicação, a abordagem normativa, quando isolada, empobrece o ensino ao não contemplar os múltiplos usos e sentidos da língua em contextos sociais diversos.

► **A abordagem comunicativa**

Em reação às limitações das abordagens anteriores, a partir da década de 1970 e com mais força nos anos 1980, desenvolveu-se a abordagem comunicativa, que propõe ensinar a língua como meio de comunicação. Inspirada em modelos de ensino de línguas estrangeiras, essa abordagem valoriza a competência comunicativa, ou seja, a capacidade de usar a língua de forma adequada às situações de interação.

No ensino de Língua Portuguesa, a perspectiva comunicativa leva à valorização de atividades que envolvam troca de mensagens, compreensão de sentidos e produção de textos em contextos significativos. As práticas pedagógicas passam a priorizar o uso efetivo da linguagem em sala de aula, com simulações de situações reais de comunicação, como debates, entrevistas, cartas, bilhetes, entre outros gêneros.

Apesar de seu avanço em relação ao ensino mecânico de regras, a abordagem comunicativa foi criticada por não considerar de forma suficiente as dimensões sociais e ideológicas da linguagem. Ela também pode se tornar superficial quando reduzida a atividades “lúdicas” sem objetivos linguísticos claros.

► **A perspectiva sociointeracionista**

A abordagem sociointeracionista surge como desdobramento crítico das anteriores e tem sido a base das propostas pedagógicas mais recentes no ensino de língua. Influenciada pelas contribuições de Vygotsky, Bakhtin e outros pensadores da linguagem e da educação, essa perspectiva entende a aprendizagem como um processo social, mediado pela linguagem e pela interação com o outro.

O foco desloca-se para o uso da linguagem em práticas discursivas concretas. A língua não é vista apenas como um código a ser decodificado, mas como atividade humana situada, carregada de sentidos, valores e intenções. O ensino passa a privilegiar os gêneros textuais/discursivos, compreendidos como formas de ação social em diferentes esferas da vida (cotidiana, escolar, científica, jornalística, institucional etc.).

Nesse modelo, a leitura, a escrita, a oralidade e a análise linguística são integradas em torno de práticas reais de linguagem. O aluno é visto como sujeito ativo, produtor de sentidos e participante de comunidades discursivas. A aprendizagem ocorre por meio da participação em eventos de linguagem com apoio do professor e de outros interlocutores, considerando o nível de desenvolvimento da criança e sua zona de desenvolvimento proximal, conceito fundamental da teoria vygotskiana.

Além disso, a abordagem sociointeracionista orienta-se por princípios éticos e políticos, reconhecendo que o domínio da linguagem é condição para o exercício da cidadania e para a inserção crítica e autônoma dos sujeitos na sociedade.

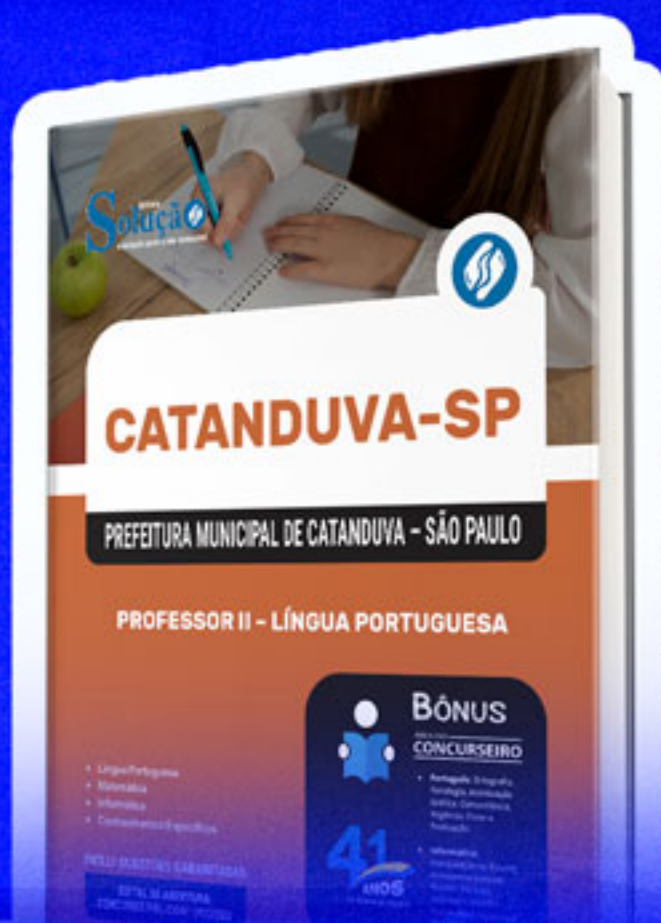
GÊNEROS DO DISCURSO E PRÁTICAS SOCIAIS DE LINGUAGEM

A noção de gêneros do discurso constitui um dos pilares teóricos mais relevantes para o ensino de Língua Portuguesa nas últimas décadas. Derivada dos estudos do Círculo de Bakhtin, essa concepção rompe com uma visão formalista da língua ao colocá-la no centro das práticas sociais de linguagem. Ensinar a língua, nesse contexto, significa ensinar a agir por meio da linguagem nos diferentes campos da vida social, o que se realiza por meio da apropriação dos gêneros discursivos.

Para Bakhtin, os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis de enunciados, organizadas em função das necessidades comunicativas de cada esfera de atividade humana. Isso quer dizer que a linguagem adquire formas específicas conforme o contexto em que é usada: o modo de se expressar em uma carta pessoal difere do modo de redigir uma petição judicial, um artigo de opinião, uma receita culinária ou um anúncio publicitário. Cada um desses gêneros apresenta características próprias quanto à estrutura, ao estilo, ao conteúdo temático e à finalidade comunicativa.

Do ponto de vista pedagógico, essa perspectiva permite tratar a língua como uma prática social concreta, promovendo o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos. Em vez de se limitar ao ensino de estruturas gramaticais isoladas, o trabalho com gêneros possibilita a abordagem integrada de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, sempre a partir de situações reais de uso da língua.

No ensino de leitura, por exemplo, o gênero orienta a compreensão dos sentidos do texto, pois o leitor pode antecipar determinadas informações com base em seu conhecimento prévio sobre a forma, a organização e os propósitos daquele tipo



GOSTOU DESSE **MATERIAL?**

Então não pare por aqui: a versão **COMPLETA** vai te deixar ainda mais perto da sua aprovação e da tão sonhada estabilidade. Aproveite o **DESCONTO EXCLUSIVO** que liberamos para Você!

EU QUERO DESCONTO!